

RELATO DA EXTORSÃO MEDIANTE SEQUESTRO **SOFRIDA POR JOÃO MANOEL LIPPERT**

No ano de 1999, exatamente no dia 23 de janeiro de 1999, ocorreu um dos piores crimes contra minha pessoa e minha família. Crime hediondo. Sequestro seguido de cárcere privado.

O sequestro teve início no pátio da Unidade de Ensino IESES Sapucaia do Sul, no fim de uma manhã de sábado. Primeira Unidade de Ensino IESES que estava sendo implantada. Dia propício para a execução do crime de sequestro seguido de cárcere privado de minha pessoa, eis que não havia nenhum funcionário na obra, nem professores, que já estavam contratados para lecionarem na Unidade de Ensino IESES Sapucaia do Sul.

Naquele dia 23 de janeiro de 1999, encontravam-se na obra da Unidade de Ensino IESES Sapucaia do Sul, minha pessoa João Manoel Lippert, meus dois filhos, Chiara Aline Lippert e Robson Ricardo Lippert, além de meu sobrinho José Luís Lippert da Silva, que dirigiu o meu veículo. Minha pessoa foi levado à força, sob ameaça de morte, por Tirone Lemos Michelin, que na época era funcionário da ULBRA - Universidade Luterana do Brasil. Segundo o sequestrador, o sequestro estava ocorrendo a mando dos reitores da ULBRA na época, Ruben Eugen Becker, Leandro Eugênio Becker e Pedro Menegat, já que o Instituto IESES estaria tirando uma fatia da Universidade ULBRA, em relação aos alunos que estudariam no Instituto IESES.

No dia do sequestro, minha pessoa e Tirone Lemos Michelin encontrávamos no hall de entrada da Unidade de Ensino IESES Sapucaia do Sul, após Tirone Lemos Michelin ter visitado o interior das obras no prédio do ex-curtume Vacchi. Minha pessoa disse a Tirone Lemos Michelin, após Tirone Lemos Michelin dizer que tinha algo de suma importância para tratar comigo. “Pois não, vamos até me gabinete”. Disse Tirone Lemos Michelin. “Não. O assunto que eu tenho para tratar contigo é assunto muito sério. Tem que ser em particular. Só nós dois, sem a presença dos teus filhos”. Disse Tirone Lemos Michelin, que seria bom que minha pessoa o acompanhasse em seu veículo, que estava estacionado no pátio da Unidade de Ensino IESES Sapucaia do Sul. Tentei argumentar, dizendo que naquele dia não poderia ser, pois era um sábado, a escola estava fechada e estava com visitas em minha casa, na época, situada a Rua Peru nº 785 em Canoas/RS, onde me aguardavam. Assim, o assunto poderia ficar para segunda-feira. Ouvindo isto, disse Tirone Lemos Michelin disse a minha pessoa. “Não. O assunto que tenho para tratar contigo não pode esperar para segunda-feira”. Minha pessoa notou que Tirone Lemos Michelin, que vestia um blaser de cor preta, uma camisa social verde e uma calça social preta, Tirone Lemos Michelin colocou sua mão direita na cinta da calça e com os quatro dedos da mão direita, Tirone Lemos

Michelin bateu três ou quatro vezes na cinta da calça, dando a entender que estava armado.

Fui ameaçado por Tirone Lemos Michelin e sob ameaça, para não colocar meus filhos Chiara Aline Lippert, Robson Ricardo Lippert, além de meu sobrinho José Luis Lippert da Silva, em risco de vida, entrei no veículo que era conduzido por Tirone Lemos Michelin, uma Blaser de cor preta.

Logo após o veículo de Tirone Lemos Michelin sair do pátio da Unidade de Ensino IESES Sapucaia do Sul, Tirone Lemos Michelin conduziu seu veículo a mais ou menos 80km/h, às margens da BR-116 sentido Sapucaia do Sul – Porto Alegre. Em determinado momento, Tirone Lemos Michelin reduziu a velocidade e estacionou o veículo no acostamento da BR-116 em frente a um terreno baldio com arbustos altos. Com o motor ainda em movimento, Tirone Lemos Michelin acionou a trava das portas do veículo, onde estava minha pessoa, Tirone Lemos Michelin, além de uma terceira pessoa que poderia estar escondida no porta-malas do veículo, eis que de vez em quando ouviam-se ruídos que vinham do porta-malas. Esta terceira pessoa poderia ser o senhor Vladimir, coordenador geral da segurança da ULBRA na época, homem com grandes habilidades e conhecimentos em armas, pois o que se sabe é que Vladimir era ou teria sido um policial militar.

Após Tirone Lemos Michelin ter estacionado às margens da BR-116, ainda com o motor em movimento, Tirone Lemos Michelin perguntou a minha pessoa se eu tinha arma, se portava e se estava armado. Disse que tinha arma, mas esclareci que a arma de minha propriedade era uma arma calibre 12 de marca Boito e cano duplo, e que apesar de a mesma ser regularizada junto a Polícia Federal, a arma poderia ser utilizada apenas em algumas situações de caça e proteção de minha pessoa e de meus familiares onde residíamos. Com isto, é óbvio que naquele momento minha pessoa não estava armado. Foi naquele momento que Tirone Lemos Michelin anunciou o sequestro, batendo com sua mão direita nas minhas costas dizendo. “Diretor, o senhor foi sequestrado”. Em seguida Tirone Lemos Michelin sacou a arma que o mesmo tinha entre a calça que usava e ficou segurando-a na mão direita.

Segundo Tirone Lemos Michelin, o mesmo falava em nome dos reitores Ruben Eugen Becker, Leandro Eugênio Becker e Pedro Menegat, alegando que minha pessoa estava "batendo de frente" com a ULBRA.

Tirone Lemos Michelin disse que a ULBRA era uma máfia internacional e que aqueles homens, se necessário fosse, fariam gente desaparecer.

Naquele momento, sentindo-me encurralado e preso dentro da cabine da Blaser, ao ouvir de Tirone Lemos Michelin dizer que se minha pessoa não desistisse da idéia da construção do Instituto IESES no Brasil, minha pessoa poderia desaparecer a qualquer momento ou ainda, encontrar minha filha mais nova, Keila Cristine Lippert, com as

pernas quebradas. Tirone Lemos Michelin disse que os reitores queriam ainda, que minha pessoa desocupasse a propriedade onde morava com minha família, queriam a devolução de todas as fitas em VHS gravadas com pesquisas dentro ou fora da ULBRA por minha pessoa, além de outras fitas k7 gravadas por minha pessoa via telefone ou gravações também em fita k7 com informações técnicas de pesquisas nas áreas humana e veterinária, além de informações de técnicos da universidade. Disse ainda Tirone Lemos Michelin no ato do sequestro. “Diretor, não adianta você construir a escola. A ULBRA, os reitores vão destruir tudo”.

Transmitido as exigências dos reitores em relação a minha pessoa e o Instituto IESES, na mão direita de Tirone Lemos Michelin apareceu um cigarro, aparentando que o mesmo teria sido fabricado artesanalmente e tinha sinais de já ter sido aceso. Informou Tirone Lemos Michelin, dizendo a minha pessoa. “Sabe o que é isto diretor?” Respondi. “Isso me parece um cigarro de maconha”. Disse Tirone Lemos Michelin. “Isto é um memoriol ou um estimulante”. Disse ainda Tirone Lemos Michelin, tentando colocar aquele cigarro na minha mão. “Queima ele diretor”. Respondi. “Não tenho vícios caros”.

Ainda perguntei a Tirone Lemos Michelin onde é que ele havia conseguido aquele cigarro. Tirone Lemos Michelin disse. “Ora diretor. Não é só o senhor que a ULBRA tem como pesquisador”. Segundo Michelin, o cigarro teria sido pego por Volnei Falkembach em um dos laboratórios de pesquisa da ULBRA, a pedido de Leandro Eugênio Becker. Disse ainda Tirone Lemos Michelin, que era um agrado do vice-reitor para minha pessoa.

Cabe salientar aqui, que Tirone Lemos Michelin parecia estar drogado. Com meus conhecimentos na área humana, percebi que Tirone Lemos Michelin estava com o fundo dos olhos apresentando uma coloração muito avermelhada, aparecendo visivelmente micro-ramificações de vasos sanguíneos na lateral dos olhos, além de Tirone Lemos Michelin apresentar um estado muito nervoso e agitado.

Naquele momento tocou o celular de Tirone Lemos Michelin. Tirone Lemos Michelin atendeu ao seu celular e desceu do veículo, deixando as portas trancadas e se dirigiu para frente do veículo, falando ao celular e com uma arma em punho. Tirone Lemos Michelin parecia muito nervoso falando ao celular e dava socos no capô do carro, com a mão direita que segurava a arma. Tirone Lemos Michelin ficou falando ao telefone por cerca de trinta minutos ou mais. Ao retornar ao veículo, Tirone Lemos Michelin ainda estava com arma em punho. Era uma arma pequena de cor preta. Naquele momento cheguei a imaginar que Tirone Lemos Michelin fosse atirar em minha pessoa e abandonar meu corpo às margens da BR-116. No entanto, antes de entrar no carro, o mesmo colocou a arma na cintura. Sentindo uma forte dor no peito, coloquei a mão esquerda no peito do lado esquerdo, fazendo algumas. Foi quando Tirone Lemos Michelin perguntou. “Tá passando mal diretor?” Respondi. “Sim”. Tirone Lemos Michelin arrancou o veículo com uma certa velocidade, parando

logo em seguida próximo a um estacionamento de um posto de gasolina, antigo posto de gasolina Schell, às margens da BR-116, onde fui deixado.

Quando Tirone Lemos Michelin freou o veículo, constrangido e com medo de ser assassinado, tentei abrir a porta e sair do veículo. A porta foi destravada, não sei se por Tirone Lemos Michelin ou se em razão de minha pessoa ter puxado o trinco da porta com muita força. Com a porta aberta, com a mão esquerda sobre o peito e a mão direita no trinco da porta, desci do veículo, pondo o pé direito no calçamento do posto. Foi quando Tirone Lemos Michelin jogou o cigarro que tinha em sua mão direita. O cigarro de maconha bateu no meu ombro esquerdo, em seguida em minha perna direita. Observa-se que a perna esquerda permanecia no estribo do veículo. Ouvei Tirone Lemos Michelin dizer. “Fuma depois diretor”. O cigarro, ao tocar em minha perna direita, ainda com a porta aberta, rolou para debaixo do veículo e Tirone Lemos Michelin acelerou o veículo, fazendo com que o mesmo arrancasse bruscamente e fazendo com que a porta se fechasse. O cigarro que havia rolado para debaixo do veículo, a roda traseira passou por cima do mesmo. Com a arrancada brusca do veículo, desequilibrei meu corpo e caí.

Ainda ouvi de Tirone Lemos Michelin, antes de arrancar o veículo. “Diretor, você não é homem sozinho. Pense no que eu te disse, nos teus filhos e na tua mulher”. Dizendo isto, Tirone Lemos Michelin ameaçou minha pessoa, meus três filhos e minha esposa na época.

Ainda sentindo forte dor no peito, esperei por alguns momentos, quando dirigi-me aos frentistas do posto para tentar pedir socorro. Foi quando notei meu veículo de minha propriedade, que era dirigido pelo meu sobrinho José Luiz Lippert da Silva, uma caminhoneta S-10 de marca Chevrolet cabine dupla. Ao verem minha pessoa abanando a mão, meu sobrinho encostou rapidamente próximo a minha pessoa, no antigo posto Schell na BR-116. Como já dito, o meu veículo era conduzido por meu sobrinho José Luiz Lippert da Silva, no assento traseiro do veículo estava minha filha Chiara Aline Lippert, no assento dianteiro ao lado do motorista estava meu filho Robson Ricardo Lippert, que abriu a porta do veículo e perguntou. “Onde está Michelin?” Eu disse. “Foi embora”. Entrei em meu veículo e disse. “Vamos sair imediatamente deste local”. Robson Ricardo Lippert sentou no banco de trás e sentei-me ao lado de meu sobrinho e saímos do local, indo diretamente para minha residência a Rua Peru nº 785, Bairro São Luís em Canoas/RS.

Ao chegarmos na propriedade, em razão das ameaças de Tirone Lemos Michelin para que não relatasse o ocorrido a ninguém, caso contrário os reitores iriam se vingar de minha pessoa ou de quem soubesse do sequestro, esperei que meu sobrinho e esposa, além do filho de cerca de seis anos dos mesmos, retirassem-se da propriedade. Só então é que relatei o que realmente aconteceu para minha esposa na época e aos meus filhos. Tirone Lemos Michelin também foi taxativo no ato do sequestro: não poderia minha pessoa avisar qualquer autoridade do sequestro,

mesmo porque, segundo Tirone Lemos Michelin, os poderosos reitores da ULBRA tinham na época em todas as áreas, desde advogados, oficiais de justiça, juízes, homens que já estariam prevenidos para não darem a mínima importância sobre qualquer assunto que minha pessoa relatasse ou tentasse registrar na delegacia de polícia civil do bairro que residia. Ou seja: a quadrilha dos reitores estava muito bem preparada.

No dia seguinte ao sequestro, ou seja, dia 24 de janeiro de 1999, relatei o fato ao meu amigo pessoal, o delegado Flávio Comparsse Conrado (hoje falecido). Dr. Flávio Comparsse Conrado, que na época era Delegado titular da 3ª Delegacia de Polícia Civil de Canoas/RS, para minha segurança, colocou na Unidade de Ensino IESES Sapucaia do Sul, uma viatura da 3ª Delegacia de Polícia Civil de Canoas/RS com dois policiais, temendo um novo sequestro ou até mesmo atentado contra minha vida. Um policial ficava na porta de meu gabinete e o outro ficava no hall de entrada da unidade.

Entretanto, a Unidade de Ensino IESES foi indevidamente embargada pelo Juiz do Trabalho na época de Sapucaia do Sul/RS, André Reverbel Fernandes. E após, a Unidade de Ensino IESES Novo Hamburgo/RS foi totalmente destruída.

De outro lado, João Rosado Maldonado, que na época tinha um restaurante dentro da Universidade Ulbra Campus Canoas, queria colocar um restaurante dentro da Unidade de Ensino IESES Sapucaia do Sul. Em uma das visitas para propor isto, acompanhado de seu filho, João Rosado Maldonado disse que tinha grande amizade com o na época reitor Ruben Eugen Becker e com o advogado da Ulbra na época, Domingos Moreira Góes. João Rosado Maldonado forneceu-me o número de celular de Ruben Eugen Becker, onde falei com Ruben Eugen Becker via telefone. Na ligação, falei a Ruben Eugen Becker que alguém estava envolvendo ou tentando envolver o nome dele em um crime de sequestro. Ao ouvir minha pessoa falar via telefone com Ruben Eugen Becker sobre o sequestro, João Rosado Maldonado mostraram-se muito nervosos e trataram de ir embora rapidamente. Enquanto isto, ao telefone, disse Ruben Eugen Becker que estava em Brasília e que ao retornar a Porto Alegre, se encontraria com minha pessoa para esclarecer todos estes comentários contra seu nome. Ruben Eugen Becker não entrou em contato com minha pessoa, confirmando assim, o crime de sequestro seguido de cárcere privado que minha pessoa sofreu.

Em resumo, com base nas palavras de Tirone Lemos Michelin no ato do sequestro e tudo que ocorreu com minha pessoa, minha família e minhas empresas, está claro que o crime de sequestro realmente foi a mando dos reitores da ULBRA na época.